

**CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ENSINAMENTOS ANTIAUTORITÁRIOS
DE PAULO FREIRE**

**CONSIDERATIONS ABOUT PAULO FREIRE'S ANTI-AUTHORITY
TEACHINGS**

Walace Rodrigues

Resumo: Este escrito busca pensar como o pensamento de Paulo Freire (1921-1997) podem ser encarados como antiautoritários, não somente no sentido de buscarem formar cidadãos críticos de suas realidades opressoras, mas também contra a educação tradicional brasileira tão autoritária. Nosso estudo para este artigo foi baseado em uma bibliografia ligada aos temas freireanos e nossa análise foi basicamente reflexiva. Os resultados deste escrito revelam a mudança de rota que Paulo Freire trouxe para a educação brasileira como um todo foi revolucionária, levando-nos a valorizar o diálogo, a liberdade e as experiências de vida dos educandos. Neste caminho, a educação acaba por ser um mecanismo revolucionário de criticidade e de busca para superar fragilidades sociais, políticas, educacionais, entre tantas outras.

Palavras-chave: Ensino; Diálogo; Autoritarismo.

Abstract: This paper seeks to think about how Paulo Freire's thoughts (1921-1997) can be seen as anti-authoritarian, not only in the sense of seeking to train citizens who are critical of their oppressive realities, but also against such Brazilian authoritarian traditional education. Our study for this paper was based on a bibliography linked to Freirean themes and our analysis was basically reflective. The results of this writing reveal the change of path that Paulo Freire brought into Brazilian education as a whole was revolutionary, leading us to value the students' dialogue, freedom and life experiences. In this way, education turns out to be a revolutionary mechanism of criticism and search to overcome social, political, educational weaknesses, among many others.

Keywords: Teaching; Dialogue; Authoritarianism.

Introdução

Este artigo busca pensar a educação freiriana como uma educação para a criticidade, também a política, levando-nos à compreensão do que é um regime democrático de governo, onde as liberdades individuais são respeitadas. Desta forma,

objetivamos mostrar como os ensinamentos de Paulo Freire tornam-se ensinamentos antiautoritários em seu âmago, já que se voltam sempre para a liberdade e o respeito ao próximo.

Nossa pesquisa para este texto baseou-se em vários pensamentos de Freire (1980, 1994, 1996, 1997) coletados como citações diretas e em outras fontes bibliográficas, como Bessa (2008), Rodrigues (2018, 2019), Romão (2015), entre outros autores.

A análise para a escrita deste artigo se deu de forma qualitativa, buscando trabalhar com os conceitos de Paulo Freire para alcançar nosso objetivo reflexivo para levantar significações que deem conta de provar que a educação nos moldes freireanos pode ser interpretada como ensinamentos antiautoritários.

Paulo Freire e sua Filosofia da Educação libertadora

Paulo Freire ficou conhecido no Brasil e no mundo inteiro por sua pedagogia libertadora, voltada para a alfabetização de adultos das classes populares e a consciência crítica da situação dos mais oprimidos a quem educava ou a quem seu método era aplicado. Rodrigues (2019) informa-nos acerca deste importante pensador da Filosofia da Educação brasileira:

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), mais conhecido somente como Paulo Freire, foi um advogado por formação e um educador e filósofo da educação por vocação. Trabalhou com temas relevantes para o Brasil: alfabetização de adulto, educação popular e outros temas da pedagogia escolar em geral. Ele criou um método de alfabetização para adultos que buscava ensinar a partir da realidade do educando e não de cartilhas completamente fora do contexto social e cultural do educando, principalmente nordestino (RODRIGUES, 2019, p. 49).

Essa busca de Freire por contextualizar o ensino a partir das realidades dos educandos passa, a nosso ver, por um viés claramente decolonial dos próprios antiquados métodos de alfabetização praticados na década de 1960. Freire tentava ensinar com um método simples e a partir das coisas (animais, situações, objetos etc) que os seus estudantes conheciam e com as quais estavam acostumados.

Neste sentido, o ato educativo de ensinar a partir das vivências dos educandos, sempre tentando formar uma consciência crítica das situações de opressão

*Revista Anthesis: V. 9, N. 18, p. 96 - 106, 2021 - Dossiê Paulo Freire centenário:
a relação dialógica como processo de emancipação*

vividas pelos mais pobres, acabou por levar a educação para um patamar mais reflexivo e de compreensão das lutas políticas em jogo. Bessa (2008) explica-nos, pela via da História da Educação, que:

[...] destaca-se a experiência da cidade de Natal, em 1961, com a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, integrando educação popular e educação escolar, tendo Paulo Freire à frente das ações que deram origem à Pedagogia Libertadora. Tal pedagogia tinha como principal bandeira a de que **todo ato educativo é, em si, um ato político**. (...) Ainda na década de 1960, os ideários de Paulo Freire são deturpados e sua Pedagogia é associada aos Movimentos marxistas e socialistas. (...) O projeto de Educação Popular promovido por Paulo Freire é paralisado definitivamente pelo Golpe Militar de 31 de março de 1964 (BESSA, 2008, p. 21, grifo nosso).

Não podemos esquecer que a pedagogia pensada por Paulo Freire dá grande importância para o diálogo entre professor e estudantes, critica as realidades de opressão e busca uma alternativa libertadora para os estudantes. A tomada de consciência de que vivemos em uma sociedade baseada na violência, no autoritarismo e na sublevação da liberdade acaba por ser o ponto irremediavelmente político da educação freireana. O próprio Freire (1994) diz-nos que:

A herança brasileira é colonial, de natureza autoritária. E temos nessa herança a sublevação da liberdade. Mas temos também, ao longo da nossa história, as expressões de luta contra a repressão, os “Quilombos”. Vivemos no Brasil de um lado a repressão, de outro os quilombos. E eu vejo os quilombos como a expressão de ansiedade legítima da liberdade (FREIRE, 1994, p. 8).

Ainda, na visão de Freire, a educação como exercício da criticidade e de luta por mais liberdades não deixa de lado a afetividade humana e seus aspectos sensíveis. As indagações devem levar-nos a uma curiosidade epistemológica (científica) em relação às coisas e situações vividas por nós. Freire (1996) deixa-nos ver que:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da **criticidade** que implica a promoção da curiosidade ingênua à **curiosidade epistemológica**, e de outro, sem o reconhecimento do **valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação**. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das instituições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p. 45, grifo nosso).

Neste sentido, temos que a humanidade das pessoas deve ser levada em conta em todos os momentos dos processos educativos escolares e não escolares. Daí a filosofia freireana ser baseada no diálogo entre pessoas com experiências de mundo diferentes. Para Freire (1980, p. 69), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.”

E nesta busca humana por saber mais e compreender o mundo que nos cerca, o estudante acaba por compreender a importância da reflexão e da criticidade para sua formação educacional e humana, vislumbrando soluções possíveis para suas fragilidades sociais. Freire (1989) revela-nos um mecanismo específico de pensar-viver-refletir-compreender:

[...] não só de contatos, não só está no mundo, mas com o mundo. [...], somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis (FREIRE, 1989, p. 39).

Por este viés, concordamos com José Eustáquio Romão, quando ele nos diz que “a legitimidade do conhecimento só vem da prática” (ROMÃO, 2015), pois é no movimento entre prática e teoria que o saber se faz, dialogando-se sobre o que se percebe e como as teorias podem nos ajudar a enfrentar determinadas realidades, e vice-versa.

Ainda, a humanidade do homem dá-se pela via de seus intercâmbios contantes com as realidades vividas por ele em determinados momentos, deixando-o perceber-se como ser histórico e agente no mundo onde vive. Daí também a percepção de que a educação pode ser um meio para transformar o mundo em determinado momento, revelando a importância de cada um de nós como seres históricos que somos, tecendo a nossa história e daqueles próximos a nós. Freire (1997) reflete sobre este ponto, informando-nos:

Mas, como não há homem sem mundo, o ponto de partida da busca se encontra no homem-mundo, isto é, no homem em suas relações com o mundo e com os outros. No homem em seu aqui e seu agora. Não se pode compreender a busca fora desse intercâmbio homem-mundo. Ninguém vai mais além, a não ser partindo daqui. A própria “intencionalidade transcendental”, que implica na consciência do além-limite, só se explica na medida em que, **para o homem, seu contexto, seu aqui e seu agora, não sejam círculos fechados em que se encontre. Mas,**

*Revista Anthesis: V. 9, N. 18, p. 96 - 106, 2021 - Dossiê Paulo Freire centenário:
a relação dialógica como processo de emancipação*

para superá-los, é necessário que esteja neles e deles seja consciente. Não poderia transcender seu aqui e seu agora se eles não constituíssem o ponto de partida dessa superação. Nesse sentido, quanto mais conhecer, criticamente, as condições concretas, objetivas, de seu aqui e de seu agora, de sua realidade, mais poderá realizar a busca, mediante a transformação da realidade. Precisamente porque sua posição fundamental é, repetindo Marcel, a de “estar em situação”, ao debruçar-se reflexivamente sobre a “situacionalidade”, conhecendo-a criticamente, insere-se nela. Quanto mais inserido, e não puramente adaptado à realidade concreta, mais se tomará **sujeito das modificações**, mais se afirmará como **um ser de opções** (FREIRE, 1997, p. 12, grifo nosso).

Se partimos de nossas realidades para compreendermos o mundo em que vivemos, não podemos deixar de lado as experiências dos educandos, pois estes chegam na escola com uma bagagem experiencial específica e que pode enriquecer sobremaneira as aulas. Rodrigues (2018b) especifica o que ele chama de “educação situacional”, onde os estudantes aprendem a partir de situações reais de suas vidas:

[...] defendemos que as práticas educacionais escolares devem ser um reflexo das situações concretas vividas pelos estudantes. Essas situações servem como ponto de partida para os conteúdos a serem ensinados e como exemplos destes conteúdos. Tais conteúdos explicados a partir das vivências dos alunos devem fazer com que eles se tornem seres realmente pensantes, indagadores e críticos. Neste sentido, acreditamos que **a criticidade não é algo negativo, como nos foi ensinado durante todo o período da ditadura militar no Brasil, mas ela deve levar-nos a pensar com mais afinco e a buscar mudanças positivas em nosso meio** (RODRIGUES, 2018b, p. 36, grifo nosso).

A partir do pensamento de que se aprende também a partir das práticas e experiências de vida dos estudantes, compreendemos que estes não chegam aos bancos escolares como tábuas rasas, mas fartos de informações relevantes para suas sobrevivências.

Além disto, pensamos, como Freire (1997), que não existe uma educação sem uma Filosofia e que não existe neutralidade nos processos de ensino-aprendizagem. Por este viés, entendemos que o homem deve ir para as instituições escolares para aprender a ser um ser de transformação, um “sujeito das modificações”, um “ser de opções”, e não uma “coisa”:

Não pode existir uma teoria pedagógica, que implica em fins e meios da ação educativa, que esteja isenta de um conceito de homem e de mundo. Não há, nesse sentido, uma educação neutra. Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é **um ser de**

transformação do mundo, seu que fazer educativo segue um outro caminho. Se o encaramos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. **Se o encaramos como pessoa, nosso que fazer será cada vez mais libertador** (FREIRE, 1997, p. 9, grifo nosso).

A partir da ideia de que o estudante deve ser educado para a liberdade, para a transformação de seu entorno e por meio do diálogo, compreendemos que a visão freireana de educação é oposta à aquela visão do autoritarismo educacional do regime militar, à aquela da obediência cega, à aquela que tenta transformar o homem em máquina para a fábrica, à aquela apática ao seu meio etc.

Bessa (2008) fala-nos da educação tecnicista durante o regime militar brasileiro (de 1964 a 1985), revelando a faceta autoritária desta teoria pedagógica no âmbito da educação e visando somente o trabalho repetitivo nas fábricas:

[...] **o sistema educacional foi o locus de desenvolvimento da idéia de exploração do trabalho por meio da aplicação das Leis 5.540/68 e 5.692/71. As reformas educacionais promovidas por estas leis instituíram modos de funcionamento burocratizado e desligado das questões sociais mais amplas, dando corpo ao que conhecemos como pedagogia tecnicista** [...] partir da base técnica de produção taylorista/fordista, era tida como o modelo de educação capaz de preparar tecnicamente profissionais para assumirem os postos nas linhas de produção, na operação de máquinas e no gerenciamento de pessoas e visava à separação do intelectual do instrumental, delimitando funções para trabalhadores e para dirigentes (BESSA, 2008, p. 22, grifo nosso).

Não podemos nos esquecer que Freire sempre buscou trabalhar com os oprimidos, tentando alfabetizá-los e torná-los críticos de suas situações de exploração desnecessária. Freire era oposto à educação bancária, burocrática, que via o estudante (principalmente o estudante das classes populares) como um depósito vazio a ser preenchido.

Utilizando este mesmo pensar de Freire sobre a riqueza das experiências dos educandos, vemos que os estudos atuais revelam que não existe grau zero de letramento, pois os estudantes chegam à escola com algum entendimento social para continuarem vivendo em sociedade. Dos “Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa” (1997) temos que:

Letramento, aqui, é entendido enquanto produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas

discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, **nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento** pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1997, p. 21, grifo nosso).

Freire valorizava, em todos seus escritos, as experiências dos seus estudantes e a compreensão de que a educação deve levar a uma leitura crítica das realidades vividas. Bessa (2008) informa-nos que:

Paulo Freire, na sua prática educacional, preocupa-se com as classes populares. No contexto do que denominou ser uma “pedagogia do oprimido”, construiu uma verdadeira concepção política do ato de educar, adotando como princípios fundamentais **a valorização do cotidiano do aluno e a construção de uma praxis educativa que estimule a leitura crítica do mundo**. Na visão do educador, a Educação popular progressista não separa, em nenhum momento, o ensino dos conteúdos de desvelamento da realidade. Em sua proposta, o ato de conhecimento tem como pressuposto fundamental a cultura do educando; não para cristalizá-la, mas como “ponto de partida” para que ele avance na leitura do mundo, compreendendo-se como **um sujeito da história**, compreendendo que **é por meio da relação dialógica que se consolida a educação como prática da liberdade** (BESSA, 2008, p. 112, grifo nosso).

Neste caminho, as relações formadas, fundadas e firmadas a partir do diálogo entre professor e estudantes coloca-se como um dos pilares fundamentais para a erradicação da hierarquia de saberes da pedagogia tradicional, pois o professor não é mais visto como o único que detém saberes, mas como um igual, uma pessoa que também aprende com seus alunos.

Essa concepção de educação a partir do diálogo não autoritário é que faz com que a Filosofia da Educação freireana coloque-se como uma verdadeira prática da liberdade. Nela, o estudante passa a ter sua humanidade valorizada, seus saberes e fazeres reconhecidos como relevantes para a prática pedagógica e como marco inicial de conhecimentos que somente serão agregados aos que ele já detém.

A superação das posições hierárquicas socialmente rígidas entre professor e aluno na pedagogia tradicional e tecnicista é uma das posições adotadas por Freire para quebrar o autoritarismo já dentro da sala de aula. Se o professor preza pela problematização do mundo a partir das experiências dos educandos, ele não pode ser autoritário e acreditar que é só ele quem sabe. Isso faz, também, pensarmos na valorização do “outro” (o não-eu) como ser humano, com toda a riqueza de saberes e

fazerem que cada ser humano detêm. Freire (1997) revela-nos:

A concepção humanista, que recusa os depósitos, a mera dissertação ou narração dos fragmentos isolados da realidade, realiza-se através de uma constante problematização do homem-mundo. **Seu que fazer é problematizador**, jamais dissertador ou depositador. Assim como a concepção recém-criticada, em alguns de seus ângulos, não pode operar a **superação da contradição educador-educando**, a concepção humanista parte da necessidade de fazê-lo. E essa necessidade lhe é imposta na medida mesma em que encara o homem como ser de opções. Um ser cujo ponto de decisão está ou deve estar nele, em suas relações com o mundo e com os outros. Para realizar tal, superação, existência que é a essência fenomênica da educação, que é sua **dialogicidade, a educação se faz então diálogo, comunicação**. E, se é diálogo, as relações entre seus polos já não podem ser as de contrários antagônicos, mas de polos que conciliam (FREIRE, 1997, p. 14, grifo nosso).

Assim, a educação pela via freireana coloca-se como lugar de dialogicidade, de liberdades, onde a opressão não pode acontecer nem dentro e nem fora da sala de aula. Se a educação se faz por meio da comunicação, esta não pode ser impositiva, mas compreensiva, afetuosa e acolhedora.

Se a pedagogia de Freire é uma práxis de diálogo, de comunicação, de liberdade, ela jamais poderá compactuar com a opressão e a exploração humana. Não somente por sua compreensão da relevância de cada pessoa, mas também pelo respeito que cada um de nós merece dentro e fora da escola. Rodrigues (2018^a) revela-nos que:

[...] compartilhamos do pensamento de Freire (1989), por entendemos **a prática educativa como um ato de construção coletiva, pautado no diálogo, respeito à diversidade, compreensão de mundo, afetividade etc.** Para Freire, a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, sendo a educação, portanto, um ato de compreensão da realidade, a partir da interação entre os sujeitos (RODRIGUES, 2018a, p. 148, grifo nosso).

Se a educação libertadora traz em si mesma uma visão relacional baseada no diálogo entre as pessoas, ela não pode compactuar com qualquer tipo de autoritarismo. Se a pedagogia freireana almeja a liberdade, ela se opõe à falta de liberdade e a todo modo de cerceamento desta.

Assim, entendemos que os ambientes escolares não podem ser lugares onde os estudantes devem ser podados, moldados, encaixados, mas devem ser lugares onde os pensamentos éticos em relação aos outros seres seja uma constante e levem a ações criticamente relevantes para as comunidades locais.

**Revista Anthesis: V. 9, N. 18, p. 96 - 106, 2021 - Dossiê Paulo Freire centenário:
a relação dialógica como processo de emancipação**

Considerações finais

Este texto buscou compreender como a pedagogia freireana baseia-se no diálogo e na liberdade, opondo-se às formas autoritárias de pensamentos educacionais onde o professor é o único que sabe dentro do espaço educacional, como na pedagogia tradicional. Para Freire, a educação deve valorizar os saberes e fazeres dos indivíduos e partir destes para levar a uma ressignificação de suas vidas.

Por este viés, a mudança de olhares em relação ao mundo que cerca o estudante faz com que este se torne mais crítico de suas condições sociais, econômicas, políticas, educacionais etc. Isso diretamente faz com que as pessoas conscientes e críticas se rebelem contra as injustiças, algo que, por exemplo, o regime militar brasileiro, como um regime autoritário, não desejava que acontecesse.

Compreendemos que a educação não pode formar ovelhas para o rebanho, mas deve transformar indivíduos oprimidos em seres humanos conscientes de suas condições no mundo e lutadores por melhores condições de vida.

Assim, uma educação popular voltada para a melhoria de vida do educando deve abrir-lhe os olhos em relação às situações de opressão e de autoritarismo as quais ele está submetido, levando-o a tomar atitudes para evidenciar as injustiças e trabalhar para superar as situações de fragilidade.

Por fim, entendemos que cada homem deve ser um ser de transformação de seu mundo, modificando sua comunidade, mas isso somente pode acontecer por meio de uma educação verdadeiramente libertadora e que lute contra todas as formas de autoritarismo e opressão. E neste momento complicado de nossa história brasileira atual, onde governantes importantes minimizam lutas históricas, ridicularizam os saberes científicos, têm o negacionismo como arma discursiva e flertam com posições autoritárias de poder, a pedagogia libertadora e crítica de Paulo Freire nunca se fez tão necessária.

Referências

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. Ensinar, aprendendo. **O Comunitário**. Campinas, v. 6, n. 38, p. 6-9, mar. de 1994. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3010>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. **Revista da FAEEBA**. Faculdade de Educação do Estado da Bahia. Ano 6 N. 7, Edição de Homenagem a Paulo Freire. Salvador-BA ISSN 0104-7043 – UNEB – p. 9-32, Jan/Jun 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RODRIGUES, Wallace. Educação e política: o caso do PARFOR e sua relação com o pensamento educacional de Paulo Freire. **Revista Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**. Unigranrio, v. 5, n. 2, p. 141-156, 2018a. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/4562/2860>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

RODRIGUES, Wallace. Educação situacional: ensinar a partir de situações reais. **Revista Acadêmica Magistro**. Unigranrio, v. 2, n. 18, p. 25-37, 2018b. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/4340/2894>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

RODRIGUES, Wallace; AZEVEDO, Raquel Torquato Rodrigues de. Relações entre a pedagogia libertadora de Paulo Freire e as liberdades substantivas de Amartya Sen.

*Revista Anthesis: V. 9, N. 18, p. 96 - 106, 2021 - Dossiê Paulo Freire centenário:
a relação dialógica como processo de emancipação*

Revista Querubim. UFF, Ano 15, N.39, vol. 6, p. 49-70, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/40831137/RELA%C3%87%C3%95ES_ENTRE_A_PEDAGOGIA_LIBERTADORA_DE_PAULO_FREIRE_E_AS_LIBERDADES_SUBSTANCIAIS_DE_AMARTYA_SEN>. Acesso em 27 jun. 2021.

ROMÃO, José Eustáquio. “Brasil nunca aplicou Paulo Freire”, diz pesquisador. **BBC Brasil.** Entrevista a Camilla Costa. São Paulo, 24 julho 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc>. Acesso em: 27 jun. 2021.